

Janny van der Molen

Là fora, a guerra



# O mundo de Anne Frank

**ROCCO**  
JOVENS LEITORES

*Janny van der Molen*

Lá fora, a guerra

# **O mundo de Anne Frank**

*Ilustrações de Martijn van der Linden*

*Tradução de Alexandra de Vries*

**ROCCO**  
JOVENS LEITORES

# Brincadeira

**8** No dia 12 de junho de 1929, nasceu uma menina na cidade alemã de Frankfurt. Seu nome era Annelies Marie Frank, mas as pessoas a chamavam de Anne. Era a segunda filha de Otto e Edith Frank, e sua irmã se chamava Margot. Os Frank eram de origem abastada, e o pai de Anne trabalhava em um banco de propriedade de sua família.

Otto Frank tinha muito orgulho de seu país. Tanto que, na Primeira Guerra Mundial (de 1914 a 1918), ele lutou pela Alemanha. Mas seus sentimentos pelo país mudaram durante a infância de Anne. A Alemanha estava passando por graves problemas, com muito desemprego e pobreza. Na época, havia um político que dizia que tudo aquilo era culpa dos judeus. O nome desse homem era Adolf Hitler. Queria uma Alemanha grande e poderosa, e mais e mais pessoas começaram a concordar com ele. Nas eleições, votaram em seu partido político. Os seguidores de Hitler eram chamados de nazistas.

Os pais de Anne eram judeus. A mãe frequentava a sinagoga, mas o pai, não. Eles se sentiam muito à vontade entre pessoas de outras religiões e até com quem não tinha religião alguma, mas passaram a ser vistos como inimigos só por serem judeus.

Anne tinha quatro anos quando sua família se mudou para Amsterdã. Ela logo se adaptou.

Em 1933, quando Adolf Hitler, com o apoio de muitos alemães, foi eleito líder do governo, os pais de Anne decidiram se mudar para a Holanda. Não queriam mais morar em um país onde eram odiados por serem de origem judaica. Além disso, os negócios no banco da família não andavam bem.

Anne tinha quatro anos quando sua família se mudou para Amsterdã. Ela logo se adaptou. Foram morar em um bom apartamento. No bairro, havia outras crianças judias que também tinham vindo da Alemanha. Anne e Margot aprenderam rapidamente a falar holandês e não demorou muito para começarem a se sentir holandesas também.



# Uma vida repleta de alegria

– Nunca vou conseguir! – Com o rosto vermelho por causa do esforço, Anne tentava fazer seu bambolê rolar pela rua. – Esse troço só cai! – Desanimada, olhou para a amiga Sanne, que conseguia fazer o bambolê rolar ao longo da calçada sem problemas. – Como você consegue fazer isso?

– Assim, ó. É só colocar em pé e dar um empurrão.

Anne pegou o bambolê e fez exatamente como Sanne falou. Deu certo! O bambolê saiu rolando pela calçada... mas depois de alguns segundos caiu de novo.

– Chega! Não aguento mais! – resmungou Anne. – Vou andar de patinete.

Era uma delícia brincar na praça Merwede, onde Anne morava. De vez em quando, sua mãe olhava pela janela do apartamento, mas sabia que não havia muito perigo. Como não era uma rua principal, ali só passavam bicicletas e os carros dos moradores da vizinhança. A calçada e a rua ficavam praticamente vazias. Além disso, o bairro ficava nos limites da cidade. Depois de alguns quarteirões, já dava para ver vacas pastando. A área ainda parecia um canteiro de obras. Perto da casa de Anne, havia um grande areal, onde a menina passava horas

brincando. Foi assim que Anne cresceu: em um lar maravilhoso, em uma rua agradável e com amigas queridas, frequentando uma ótima escola.

– Psiu, psiu!

Era um dia de semana qualquer na praça Merwede. Ainda era cedo e estava até um pouco escuro.

Mamãe entrou no quarto de Anne e Margot.

– Anne, Hannah está esperando lá embaixo. Dá para ouvi-la assobiando – disse.

12 Anne sabia que estava na hora de ir à escola. Largou o livro que estava lendo, pegou o casaco do cabideiro, vestiu-o correndo e se preparou para descer.

– Espere – disse mamãe, severa. – É inverno, você precisa colocar um Mütze.

– Muts, mamãe. Gorro em holandês é muts, não Mütze. E não está tão frio – retrucou Anne. Ela já tinha oito anos e se sentia perfeitamente capaz de decidir se precisava colocar um gorro ou não.

– Coloque o gorro – disse mamãe, e Anne percebeu pelo seu olhar que era melhor obedecer. Em seguida, desceu a escada correndo.

– Cuidado, o chão pode estar escorregadio, vá com calma! – gritou mamãe.

Mas Anne já não ouvia. Tinha muita pressa. Ela queria compartilhar uma novidade com a amiga Hannah (a quem sempre chamava de Hanneli) e não podia esperar para contar.

– Hanneli, Hanneli! Vou viajar! Com meu pai! Só nos dois! Não é maravilhoso? Vamos para a Suíça, visitar a minha avó na Basileia. Minha tia Leni e o tio Erich também moram lá, e os meus primos Bernd e Stephan, é claro. Vai ser o aniversário da

minha Omi, eu sempre chamo a minha avó de Omi, e tem também o Stephan e...

Hannah começou a rir.

– O que foi? – perguntou Anne, surpresa.

– Você está falando tão depressa que quase não consigo acompanhar.

– Mas estou tão feliz! Bernd é ótimo em patinação no gelo, e Omi conta histórias maravilhosas e...

– Estou muito feliz por você, Anne. De verdade! Quando viajam?

– Em algumas semanas. Mal posso esperar – comemorou. Em seguida, disse: – Olha só, lá vão Kitty e Ietje. Vamos dar um susto nelas?

Hannah riu da amiga.

Anne adorava pregar peças nas pessoas. Colocou o dedo sobre a boca em sinal de “faça silêncio” e se aproximou das amigas sem fazer barulho. Quando chegou perto, cutucou as duas nas costas e gritou:

– Bú!

– Ai! – reagiu Kitty. Ietje deu até um pulinho de susto.

Anne caiu na gargalhada.

– Sua peste! – disse Kitty. Mas mesmo assim começou a rir.

Depois de algumas semanas, finalmente chegou o grande dia: Anne e o pai embarcaram no trem para a Basileia.

– Já chegamos? – perguntava Anne toda hora. Ela sabia a resposta porque, quinze minutos antes, o pai tinha dito que não estavam nem na metade do caminho. Nossa... A Suíça era longe.

Assim que chegaram, Anne esqueceu imediatamente a longa viagem e se divertiu brincando com Bernd. Teve que se acostumar de novo a falar em alemão com a família. Em casa

quase não se falava mais alemão, já que papai e mamãe tentavam usar o holandês o máximo possível.

– Tive uma ideia divertida – sussurrou Anne no ouvido de Bernd uma tarde. Bernd e Anne tinham ido visitar a vovó Frank junto com tia Leni, tio Erich e o pai de Anne. – Vamos entrar às escondidas no quarto da Omi, e você vai vestir as roupas dela.

Bernd lançou um olhar travesso para Anne.

– E depois?

– Aí você finge que é a Omi.

Bernd sorriu. Tinha gostado da brincadeira. Juntos eles entraram no quarto, de fininho, e Bernd escolheu um lindo vestido.

Anne quase engasgou de rir.

– Um chapéu! – exclamou ela. – Deve ter um chapéu para combinar!



Bernd foi procurar um chapéu.

Depois precisou procurar os sapatos.

– O salto mais alto que você achar – disse Anne, dando risadas. Bernd pegou um par de sapatos pretos de salto alto.

– Esses aí!

Bernd desfilou pelo quarto, fazendo de conta que era a Omi. Postura erguida, queixo para cima, nariz empinado, um ar de orgulho... Igualzinho à Omi! Era muito engraçado mesmo. Bernd imitava a avó muito bem!

– Você devia ser ator! – Anne riu, e Bernd fez uma respeitosa reverência à empolgada plateia.

– Obrigado, senhora. Muito obrigado.

As férias foram maravilhosas, mas acabaram depressa demais. Chegara a hora de voltar para casa. Papai tinha que retornar ao trabalho, e Anne, à escola.

Já em casa, olhou para uma foto de Bernd.

– Eu volto, Bernd – sussurrou para a foto. – Você ainda tem que me ensinar a patinar no gelo!

Felizmente, também havia vários meninos legais na escola para ela brincar.

– Quem subir a escada primeiro ganha!

Anne começou a correr em direção à livraria Blankevoort e virou a esquina na praça Merwede. Dois meninos corriam atrás dela.

– Você não vai ganhar! – gritou um deles. O outro corria o mais rápido que podia, mas não conseguia alcançar Anne nem seu amigo Appy.

– Primeiro! – disse Appy, ofegante.

– Segunda! – arfou Anne.

– Tá bem. Vocês ganharam – disse Sally.

– Preciso recuperar o fôlego – disse Anne enquanto sentava no último degrau da escada de pedra, que levava até seu apartamento, no primeiro andar. – Mamãe não gosta quando corro.

– Por causa do seu coração? – perguntou Sally, olhando e sorrindo para Anne. Seu cabelo loiro estava despenteado e suas pronunciadas bochechas ficaram ruborizadas. Era uma das coisas que Anne adorava nele: as bochechas rosadas.

– Não é nada grave. Mamãe apenas se preocupa demais.

– Mas na semana passada você faltou uns dias de aula porque estava doente – disse Appy.

– Foi só um resfriadinho – respondeu Anne, lançando um olhar desafiador aos amigos. – Talvez eu não seja forte, mas certamente sou esperta!

Os meninos riram. Anne era assim, sempre tinha uma resposta na ponta da língua!

Ela se levantou, ajeitou as meias e a saia. Assim mamãe não podia reclamar. Mamãe gostava de tudo bem certinho, e agora Anne estava apresentável de novo. Tinha nove anos e estava bem arrumada.

– Vamos – disse ela enquanto tocava a campainha.

Mamãe abriu a porta.

– Oi, Anne, finalmente você chegou! Oi, Appy, oi, Sally.

– Mamãe, nós queremos brincar de Banco Imobiliário. Podemos?

– Claro. Como foi a escola hoje?

– Nada de mais, senhora – respondeu Sally educadamente.

Os três se sentaram à mesa, e Anne preparou o tabuleiro, o dinheiro, as casas e os pinos.

– Parece difícil esse jogo – suspirou Appy. Inseguro, olhou para Sally.

– Não se preocupe. Vou explicar direitinho – disse Anne.



Mamãe chegou à mesa com um prato de biscoitos.

– Trouxe um copo de Milch para cada um.

– Melk, mãe – corrigiu Anne. – Leite não é Milch, é melk. – Revirou os olhos e olhou para os amigos como se quisesse dizer “minha mãe nunca vai aprender”.

Mas mamãe não disse mais nada, apenas ignorou e voltou à cozinha.

– Olha só... – disse Anne para Appy e Sally. – Você joga o dado e anda com o pino. Aí você pode parar numa rua. Todos esses quadrados coloridos com nomes representam ruas.

– Trafal...Trafal-gar s-qua-re? – leu Sally em voz alta. – O que é isso?

– É inglês, seu bobo. São todas ruas e praças em Londres. Este jogo veio da Inglaterra.

– Esta aqui é bem fácil. – Appy apontou para o tabuleiro. – O nome dessa rua é Strand. – Ele pronunciou ‘ishtrând’.

– Meu pai disse que os ingleses falam ‘Strênd’, não ‘ishtrând’ – disse Anne, toda sabichona, enquanto pegava o dado.

– Que seja – resmungou Sally.

Logo se envolveram tanto no jogo que até se esqueceram do leite e dos biscoitos.

18

E assim o tempo passou. Estavam em 1938, e a família Frank já morava em Amsterdã havia cinco anos. A vida deles era igual à de muitas outras famílias daquela época. Papai saía de manhã cedo para trabalhar no escritório, e Margot e Anne iam à escola. Mamãe arrumava a casa, fazia compras e se assegurava de que as roupas estivessem limpas e organizadas dentro dos armários. Sempre que podia, levava as meninas para passear. Elas saíam para ver lojas, visitar um museu, ir ao cinema ou até passar um dia na praia. Margot era três anos mais velha que Anne e sempre recebia amigas em casa. Anne adorava brincar com outras crianças.

Papai trabalhava muito. Às vezes, tinha tanto trabalho que ainda precisava ir ao escritório no domingo para terminar alguma tarefa. Anne e Margot entendiam. Papai era dono da empresa. Tinha que trabalhar muito para pagar aquele belo apartamento, comprar coisas bonitas e, claro, comida e roupas.

Anne passava os dias estudando e se divertindo. A vida era boa. Até que numa manhã, em novembro de 1938, quando chegou à mesa para tomar café, encontrou o pai com uma expressão séria. Sua mão acariciava o braço da esposa, e era óbvio que mamãe tinha chorado. Margot estava muito quieta.

– O que houve? – perguntou Anne, assustada.

– Não se preocupe. Já passou – respondeu mamãe.

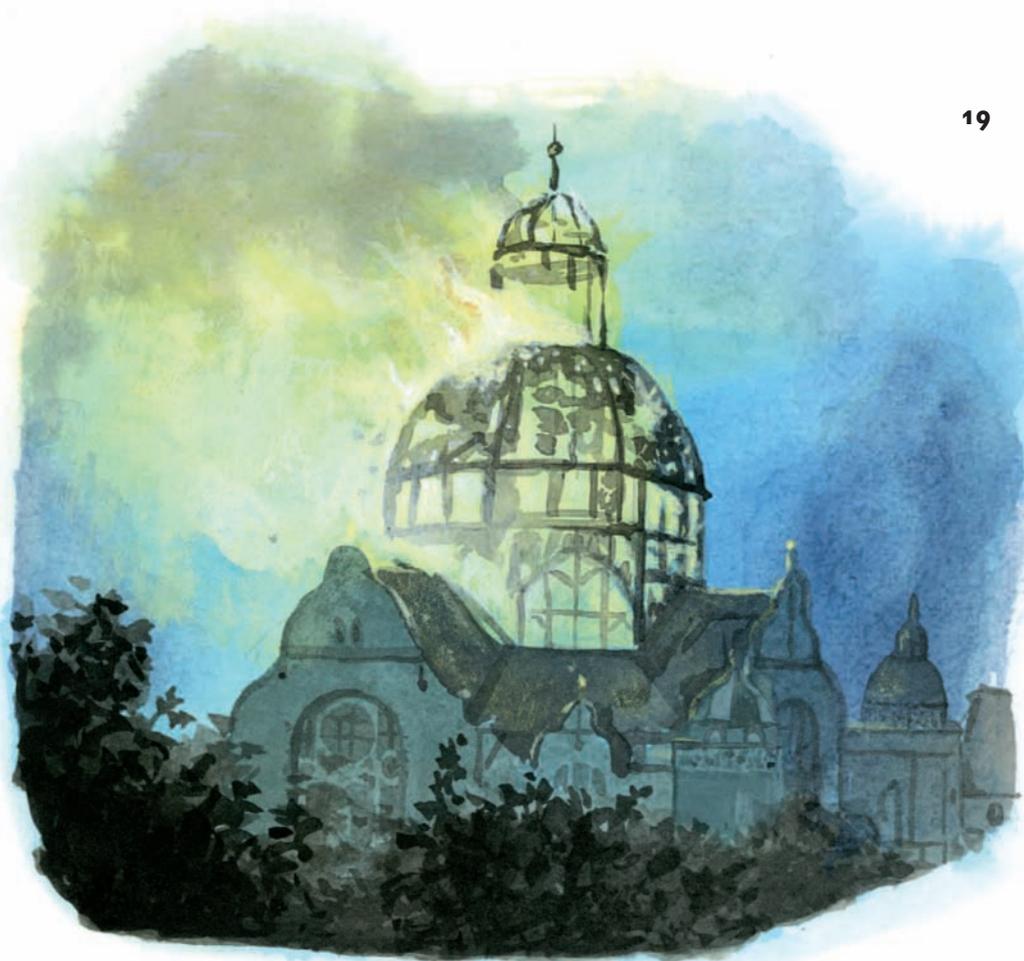
– Quero saber o que foi! – exigiu Anne. – Eu sei que aconteceu alguma coisa.

Papai respondeu com a voz calma:

– As coisas não estão nada bem na Alemanha, o que nos deixa muito tristes porque amamos tanto o país. É só isso. Venha, coma alguma coisa. Está quase na hora de ir à escola.

– Mas papai...

– Assunto encerrado, Anne.



Mamãe forçou um sorriso para Anne. Mesmo assim, ela continuou preocupada. Apostava que tinha algo a ver com aquele homem chamado Hitler, o líder da Alemanha. Mas os pais não queriam falar sobre isso. Para eles, o assunto estava encerrado.

Anne descobriu depois o que realmente tinha acontecido. Os irmãos da mamãe, os tios Julius e Walter, haviam sido presos pelos nazistas após uma noite terrível de muita violência contra os judeus. Aquela noite ficou conhecida como a Noite dos Cristais. Mamãe estava muito preocupada com eles.

20

Algumas semanas depois dessa conversa, mamãe e Margot estavam se arrumando para ir à sinagoga. Era uma manhã de sábado. Papai tinha ido ao escritório trabalhar por algumas horas, e Anne foi à escola, como de costume. Papai e mamãe convidaram vários conhecidos judeus do bairro, que também tinham vindo da Alemanha, para ir a sua casa naquela tarde, algo que faziam regularmente aos sábados.

– Não se esqueça de buscar o *Kuchen* na padaria, Otto!

– Bolo em holandês é *taart*, mãe. Não é *Kuchen*.

– É claro, Anne – suspirou sua mãe. – Assim que chegar da escola, lave o cabelo e coloque o *Kleid* que separei para você.

– Você quer dizer *jurk*, vestido...

– Anne, pare com isso – falou papai em um tom ríspido.

– Quantas pessoas vêm hoje à tarde? – perguntou Anne.

– Virão algumas pessoas novas. E os velhos conhecidos: os pais de Hannah, os pais de Sanne, meu colega Van Pels com a esposa... A casa vai ficar cheia e animada.

– Miep e Jan vêm também? – Miep era a assistente do pai no escritório, e ela e o noivo Jan tinham se tornado amigos da família Frank.

– Acho que sim. Foram convidados.

– Que ótimo! – disse Anne. Ela gostava muito de Miep e Jan. O tempo na escola passou rápido. Como todo sábado, os alunos tinham que arrumar tudo, tirar poeira e passar um pano na sala antes de irem embora. Algumas crianças judias, como Hannah, não iam à escola aos sábados de manhã porque iam à sinagoga, mas mesmo assim havia muitas outras crianças na sala. Algumas, como Anne, eram judias, outras eram cristãs, e outras não eram de nenhuma religião. Algumas crianças eram da Alemanha, mas isso não importava. Ninguém costumava falar sobre suas origens.

Naquela tarde, o trabalho de Anne foi abrir a porta para os convidados.

– Não se esqueça de se apresentar e oferecer a mão para cumprimentá-los – disse mamãe.

Anne já conhecia a maioria dos convidados, mas em certo momento um casal desconhecido tocou a campainha.

– Meu nome é Fritz Pfeffer, e essa é minha esposa, Charlotte Kaletta – disse o homem, com voz amigável. Ele falou em alemão.

– Bem-vindos à nossa casa – disse Anne, educadamente.

Enquanto os levava para cumprimentar seus pais, Anne percebeu que o clima na sala não estava nada bom. Havia muitas pessoas, como papai dissera, mas os convidados pareciam abatidos e quase não tocaram no bolo nem nas comidas. Depois, Anne observou que mamãe cobriu a boca com a mão quando conversava com o sr. Pfeffer, claramente chocada com algo que ele dissera. Anne se lembrou do que a mãe tinha falado algumas semanas antes, no café da manhã: “Não se preocupe. Já passou.” Mas era óbvio que todos estavam muito preocupados.

Mesmo assim, Anne ainda teria muitas alegrias nos meses seguintes. Sua festa de aniversário, por exemplo. Era junho de 1939, e faltavam apenas alguns dias para ela completar dez

anos. Ela estava feliz porque o seu aniversário cairia durante a semana. Assim ela encontraria todos os amigos do colégio primeiro, e depois teria uma festinha em casa. Claro que iria convidar Hanneli e Sanne. As pessoas as chamavam de Hanne, Sanne e Anne. Eram melhores amigas desde pequenas, inclusive por causa das famílias: todas eram alemãs e judias. Ela também iria convidar Ietje, Lucie, Martha e Mary. E Juultje e Kitty, naturalmente. Eram todas boas amigas também. Nove meninas! Ia ser muito divertido.

Na tarde daquela segunda-feira, 12 de junho de 1939, as meninas chegaram na casa uma a uma. Anne recebeu todas as suas amigas na porta.

22

– É assim que se faz – disse mamãe.

Era um dia lindo. Anne estava usando seu vestido favorito, com estampa florida e uma pequena gola branca. Martha usava um laço festivo no cabelo. Já Mary optou por dois laços. Todas usavam vestidos de verão naquele dia ensolarado e radiante. Anne estava radiante também: amava ser o centro das atenções.

Mamãe tinha feito um bolo e preparado algo para beber. Em seguida, começou a cantar timidamente:

– Parabéns pra você, nessa data querida...

As amigas cantaram animadas, e Anne vibrou. Depois, cada menina lhe deu um presente. Impaciente, ela rasgava todos os embrulhos logo que os recebia. Adorava presentes! Após abrir todos os presentes e comer o bolo, chegou a hora das brincadeiras. Otto chamou todas as meninas para sentar em uma roda no chão.

– Por quê, sr. Frank? – perguntou Juultje, meio desconfiada.

– Você já vai ver – respondeu o pai de Anne, fazendo mistério. – Agora tirem os sapatos.

Algumas das meninas começaram a rir. O que ia acontecer? Papai pegou uma manta bem grande e cobriu os pés das garotas.

– Agora vou colocar os sapatos de novo, sem olhar para seus pés.

– Você nunca vai conseguir! – deixou escapar Ietje.

– Vamos ver! – disse papai. Ele pegou um sapato e começou a tatear os pés diferentes debaixo da manta. Não demorou muito para que todas as meninas comessem a rir. Anne olhou para o pai com admiração. Ele era um homem maravilhoso. Ninguém tinha um pai tão divertido quanto o seu Pim, como ela carinhosamente o chamava.

Mais tarde, papai tirou uma linda foto das nove amigas. Foi o melhor dia de todos os tempos. Um dia que se desejaria ter todos os dias.

# Família

24

Em janeiro de 1933, quando Hitler e seu partido nazista assumiram o poder, parte da família do papai já tinha deixado a Alemanha. Tia Leni e sua família estavam morando na Suíça havia alguns anos e, no outono de 1933, vovó Frank também se mudou para lá. Tio Robert e a esposa foram embora para Londres em 1933, e tio Herbert já se mudara para a França em 1932.

A família da mamãe, contudo, ainda morava na Alemanha. Vovó Holländer e os dois tios solteiros de Anne, Julius e Walter, viviam em Aachen, perto da fronteira com a Holanda.

A partir de 1933, os nazistas tornaram a vida dos judeus na Alemanha ainda mais difícil. Professores judeus perderam seus empregos. Judeus foram proibidos de se casar com não judeus. Havia placas em muitas cidades e vilarejos alemães informando que os judeus não eram bem-vindos. Muitos tentaram deixar a Alemanha, procurando refúgio em outros países. Mas isso não era sempre fácil: era muito caro; depois, tinham de encontrar casa e trabalho.

Os pais de Anne fizeram de tudo para trazer vovó Holländer para a Holanda, mas era muito difícil conseguir todos os documentos oficiais. Então algo terrível aconteceu.

A partir de 1933, os nazistas tornaram a vida dos judeus na Alemanha ainda mais difícil.

Na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, os nazistas atacaram judeus em toda a Alemanha. Mataram mais de cem judeus, prenderam mais de 30 mil. Destruíram sinagogas, lojas de propriedade de judeus, casas e cemitérios. Essa noite ficou conhecida na história como a Noite dos Cristais, por causa da quantidade de vidro quebrado na rua.

Os tios de Anne, Walter e Julius, foram presos poucos dias depois daquela noite. Tio Julius foi liberado logo em seguida porque tinha lutado pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial, mas tio Walter foi enviado para um campo de concentração, que era um grande campo transformado em prisão, com cercas altas e arame farpado. A família entrou em pânico. Como fariam para libertar tio Walter e como poderiam tirar Julius e ele da Alemanha o mais depressa possível? E a vovó? Quando dariam autorização para que ela fosse para Amsterdã?

# Fugindo dos nazistas

26

– Conseguimos, Edith!

Estavam em meados de novembro de 1938. Papai entrou na sala ainda de casaco. Tensa, mamãe olhou para ele. Parecia já saber sobre o que ele estava falando.

Papai fez que sim com a cabeça.

– Agora vou tentar trazer o Julius para cá também. E Walter. Mas não vai ser fácil.

Mamãe parecia ansiosa.

– Força, Edith. Não podemos perder a esperança – sussurrou papai.

– O que foi, mamãe? – perguntou Anne preocupada.

Mamãe não respondeu.

Papai chamou Margot, que estava no quarto.

– Sentem-se aqui, por favor – disse.

As duas meninas puxaram cadeiras e se juntaram à mesa com os pais.

– Tivemos notícias da vovó. Ela recebeu autorização do governo holandês para vir morar com a gente.

– Isso é maravilhoso! – disse Anne. – Quando ela chega?

– O mais rápido possível. Mas vovó ainda precisa resolver algumas coisas.

Anne estava feliz, muito feliz. Mas mamãe estava quieta.

– Você não está feliz, mãe? – perguntou Anne.

Papai respondeu por ela:

– Mamãe também gostaria que tio Julius e tio Walter saíssem da Alemanha. Mas é claro que está aliviada porque, pelo menos, a vovó vai poder vir.

Anne agora entendia a preocupação da mãe. Sabia que vovó, tio Julius e tio Walter estavam passando por grandes dificuldades na Alemanha. A todo momento, a menina perguntava o que estava acontecendo por lá, mas papai falava para ela não se preocupar, que não era assunto para criança. Contudo, Anne sabia que muitos dos problemas eram causados por aquele homem chamado Hitler, que agora governava a Alemanha.



Hitler odiava os judeus, e muitas pessoas concordavam com o ponto de vista dele. Anne também sabia que os nazistas tinham prendido seus tios e que apenas tio Julius fora solto. Tio Walter estava em algum campo de concentração na Alemanha. Mamãe tinha contado isso a elas depois que as meninas perceberam seu aspecto cada vez mais preocupado.

– Bom, meninas, vão para o quarto, por favor. Assim posso conversar com mamãe sobre o que precisamos fazer – disse papai.

Anne e Margot foram para o quarto que dividiam, do outro lado do corredor. Margot fechou a porta, mas Anne, curiosa, apertou o ouvido contra a porta.

– Anne! – censurou-a Margot, chateada. – Quando papai e mamãe quiserem que a gente saiba de alguma coisa, eles nos dirão!

28



– Você é uma santinha do pau oco! – resmungou Anne, mas se afastou da porta.

No mesmo dia, o pai escreveu a uma organização que ajudava refugiados judeus, pedindo autorização para que tio Julius entrasse na Holanda. Na carta, dizia que a intenção de Julius era seguir para os Estados Unidos e que ele estaria na Holanda apenas de passagem. E que ele, Otto Frank, o hospedaria em sua casa. Não podiam fazer nada por tio Walter além de rezar para que fosse liberto logo. Depois, ele também seguiria viagem para os Estados Unidos. Pelo menos, era esse o plano.

Semanas se passaram sem novidades. Mas, no fim de dezembro de 1938, finalmente chegou uma boa notícia:

– Os nazistas soltaram Walter – contou papai, aliviado.

Mamãe começou a chorar de felicidade.

– Ele virá em breve para a Holanda – disse ele em seguida.

– Ele vem morar aqui, Pim? – perguntou Anne.

Papai disse que isso não seria possível. Na Holanda, tio Walter ficaria em um campo de refugiados.

– Mas por quê? – quis saber Margot.

– Ele não tem permissão para ficar no país – explicou papai. – O governo holandês acha que já está abrigando judeus alemães demais. Ele vai ficar lá até poder viajar para outro país.

– Então ele vai para outro tipo de prisão? – deduziu Anne.

Mamãe fez que não com a cabeça.

– É apenas temporário, Anne. Seus tios vão para os Estados Unidos.

– Para os Estados Unidos? – perguntou Anne. – Jura? Que bom!

Após alguns meses, veio o grande dia. Era março de 1939, e tio Julius chegou a Amsterdã. A organização holandesa para

quem papai havia escrito tornou isso possível. Tio Julius foi autorizado a se hospedar na casa da irmã até viajar para os Estados Unidos. Tio Walter, infelizmente, ainda não recebera permissão para entrar nos Estados Unidos. Os planos mudaram. Agora tio Julius se estabelecerá primeiro e esperaria que Walter pudesse segui-lo em breve.

Depois de quase uma semana, vovó Holländer também chegou em Amsterdã.

– Vovó! – vibrou Anne quando ouviu o barulho da chave na porta da frente.

Mamãe e Margot já tinham ido até a porta. Papai entrou com vovó. Anne dava pulos de alegria. Vovó subiu os degraus da escada bem devagar. Levantou a cabeça e sorriu para Anne, que levou um susto. Vovó parecia tão velhinha! Muito mais velha do que da última vez que a vira.

Ela abraçou forte a avó.

– Que bom que a senhora chegou, vovó!

Mamãe também abraçou e beijou vovó e ajudou-a a tirar o casaco. Tio Julius estava aliviado que sua mãe havia chegado bem.

Margot ajudou papai a carregar as duas malas até o canto da sala, que agora fora transformado num quarto para ela.

– Olha, vovó! – Anne apontou. – Aqui está sua cama.

Vovó assentiu, agradecida, mas Anne percebeu uma grande tristeza em seu olhar.

– Meninas, deixem a vovó sozinha um pouco – pediu mamãe.

Anne e Margot entenderam o recado e foram para o quarto.

– Não entendo. A vovó não ficou feliz de estar aqui com a gente? – perguntou Anne.



– Ela teve que abandonar tudo, Anne – disse Margot, quase sussurrando.

*Tudo?*, pensou Anne. *Tudo mesmo?* Tio Julius e vovó tinham chegado com apenas algumas malas. Deixaram para trás móveis, livros, quadros e todo o resto? Ou chegariam depois?

De noite, Anne não aguentou e fez diversas perguntas ao pai. Ele respondeu calmamente:

– Preste atenção, Anne. Tio Julius vai para os Estados Unidos. Esperamos que tio Walter em breve se junte a ele. Vovó agora está conosco. Isso é o mais importante. Os três estão a salvo.

– Mas Pim...

– Acredite em mim, Anne. As coisas deles não são importantes.

– Mas...

Papai balançou a cabeça. O assunto estava encerrado.

32

No dia seguinte, tio Julius se preparou para viajar. Primeiro, ele iria de trem até Roterdã, de onde embarcaria no navio *Veendam*. A campainha tocou. Mamãe abriu a porta e depois subiu a escada, toda feliz.

– Olha só, Julius! Veja só quem veio se despedir de você!

– Tio Walter! – exclamou Anne.

Todo mundo ficou emocionado ao vê-lo. Papai obteve permissão para que tio Walter pudesse sair do campo de refugiados por algumas horas para se despedir do irmão. E para abraçar a mãe, que ele não via havia meses. Claro, também para ver a irmã, o cunhado Otto e as meninas, suas sobrinhas.

Tio Walter sorriu. Estava muito feliz em rever todos. Claro que a vida no campo de refugiados não era um mar de rosas, falou:

– Agora mamãe está aqui em Amsterdã, Julius está prestes a atravessar o oceano e, em breve, vou me juntar a ele. Todos escapamos dos nazistas!

Chegou a hora de se despedir de tio Julius.

– Vou escrever sempre que puder – disse ele, enquanto dava um forte abraço na vovó. – Cuide bem da mamãe – sussurrou

para a irmã. Ela fez que sim, mas parecia triste demais para responder. – Meninas! – dirigiu-se a Anne e Margot, forçando um tom alegre. – Continuem crescendo lindas e inteligentes! Um dia espero recebê-las nos Estados Unidos.

– Com certeza! – falou Anne, feliz. – Seria ótimo, tio Julius! Em seguida, ele abraçou o irmão.

– Agente firme – disse tio Julius. – Espero que você venha logo me encontrar.

Tio Walter fez que sim com a cabeça.

Tio Julius apertou levemente a mão de vovó uma última vez, pegou suas malas e desceu a escada com papai. Anne correu até a janela para dar tchau. Margot e tio Walter foram atrás dela. Mas mamãe e vovó só se deixaram afundar em uma cadeira, sem dizer nada.

33

Naquela primavera, um dia Anne chegou do colégio e correu até a vovó porque queria lhe contar todas as novidades, como sempre fazia. Falaria sobre as brincadeiras de pular corda, sobre as travessuras com a professora Godron, sobre as somas difíceis na aula de matemática. Sobre as histórias que Hanneli contara, sobre Mary e Juultje e Ietje. Vovó adorava todas as histórias e sempre a escutava com muita paciência. Mas naquele dia ela interrompeu Anne depois de alguns minutos.

– Tenho uma surpresa para você, Anne. Uma carta.

– Uma carta? Onde?

– Em cima da escrivaninha de vocês.

– Vou ver agora mesmo! – gritou ela enquanto ia em direção ao quarto.

Em cima da escrivaninha, do lado da janela, estavam duas cartas, uma para Margot e outra para ela.

“Srta. Anne Frank” estava escrito na carta.

“Senhorita?” Que engraçado! “Praça Merwede, 37, Amsterdã”. Anne viu pelo carimbo no selo que a carta tinha sido enviada de Amsterdã. Mas o melhor de tudo era o que estava escrito no canto esquerdo superior do envelope: “Assunto particular”. Isso tornava a carta muito interessante mesmo!

Anne reconheceu a letra. Era uma carta de Pim. Ela enfiou o dedo na abertura do envelope para abri-lo.

No cabeçalho da carta, estava a data: 12 de maio de 1939. Isso seria amanhã.

Era o dia do casamento dos pais e a data em que o pai completaria cinquenta anos. Naquele dia tão importante, ele queria dar algo especial para ela. Era um costume da família: escrever uma carta ou um poema original em um dia comemorativo. Mamã provavelmente receberia uma carta também.

“Mein liebes Annelein”, assim começava a carta. “Minha querida Annezinha.”

Ela devorou as palavras do pai. Sorriu, gargalhou e se emocionou. Que linda carta!

Depois, leu cada frase uma segunda vez.

“A vida com você nem sempre é fácil, Anne”, dizia a carta. “Seria bom se você falasse ‘mas...’ um pouquinho menos.”

Isso fez Anne rir. Sempre quando papai, mamãe, vovó ou a professora diziam algo, ela respondia “mas...”. Anne realmente queria sempre saber mais. E gostava de corrigir os outros. Papai achava que ela deveria aprender a se acalmar, contar até dez e a pensar antes de falar. Porque há pessoas que ficam chateadas com esses “mas”, e muitas vezes os adultos têm seus motivos para não dar mais detalhes. Ela não precisava saber tudo.

Anne continuou lendo a carta:

“Mas nada disso importa muito, desde que você continue sempre sendo uma boa pessoa.” Que palavras gentis! Então ela leu a última frase: “Que você sempre continue alegre e sorridente, com esse sorriso que traz tanta alegria para sua vida, para a nossa e a dos outros.”

Papai assinou a carta “Seu Pim”.

Anne apertou a carta contra o peito. Era a carta mais linda que já tinha recebido. Decidiu guardá-la para sempre. Para sempre.



Começaram as férias de verão de 1939. Quando elas acabassem, Anne iria para o quinto ano do ensino fundamental. A família não podia viajar, mas ainda havia muitas coisas divertidas para fazer. Eles iam à praia, os amigos vinham brincar em casa e havia várias festas. As meninas também passavam muito tempo escrevendo em álbuns de poesia, lindos cadernos em que as amigas escreviam um poema ou uma dedicatória para que se lembrassem umas das outras no futuro. Juultje, uma colega da turma de Anne, ganhou um desses álbuns de presente de aniversário de Kitty, que também estava com elas. Naquele momento, era a vez de Anne escrever algo para a amiga, e o caderno estava em cima da escrivaninha dela.

– Mãe, você tem uma foto minha que eu possa usar?

– Para quê?

– Para o álbum de poesia da Juultje.

Mamãe pegou uma folha com fotos 3x4 e foi procurar uma tesoura.

– Essas não! São do ano passado! Quero uma foto nova!

– Mas essas estão ótimas, Anne. Vamos mandar a foto deste ano para a família.

– Nessa foto pareço uma criança...

– É do ano passado, Anne. É essa ou nenhuma!

Anne pegou a foto. Chateada, voltou à escrivaninha. Abriu o caderno. Kitty, Hanneli e Ietje já tinham deixado mensagens e incluído uma foto com as poesias. Comparada com as delas, a foto de Anne não estava tão ruim assim. Não havia outro jeito. Pegou a caneta e começou a dar leves batidas com a ponta da caneta na mesa enquanto pensava: *O que escrever? Tap, tap, tap...*

Ela teve uma ideia. Usando sua melhor letra, escreveu:

Querida Juultje

O que escrever nesta folha?

Querida, fiz esta escolha:

Desejo saúde e o poder do bem

Muita coragem e o melhor que a vida tem

E não importa o que acontecer

Depois da chuva o sol sempre volta a aparecer.

Com muito carinho

Da amiga

Anne Frank

**37**

Pronto. Ficou bonitinho. Pelo menos ela achou. Anne esperou a tinta da caneta secar bem, e depois, nos cantos da página em que colou a foto, escreveu: *Nunca se esqueça de mim.*

Titulo Original  
OUTSIDE IT'S WAR: ANNE FRANK AND HER WORLD

A edição brasileira foi traduzida a partir do original holandês,  
*Buiten is het oorlog: Anne Frank en haar wereld.*

Este livro foi desenvolvido em colaboração com a Casa de Anne Frank, Amsterdã. A Fundação Holandesa de Letras contribuiu para este trabalho premiando a autora com uma bolsa de estudos internacional.

Copyright © Janny van der Molen, 2013 Vitgeverij Ploegsma Amsterdam. O direito da autora foi assegurado.

Ilustrações: Martijn van der Linden, 2013, Copyright © Casa de Anne Frank.  
Copyright fotos família Frank © Casa de Anne Frank, Amsterdã/ANNE FRANK-FONDS, Basel.  
Ilustração da página 19 inspirada por uma foto da AKG-Images, Berlim/Hans Asemissen.  
Ilustrações das páginas 27 e 47 inspiradas pelas fotos da Imagebank wwII/The NIOD Institute for War, Holocaust and Genocide Studies, Amsterdã. Ilustração em corte transversal da Casa de Anne Frank: Vizualism (Chantal van Wessel, Frédéric Ruys)

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

ROCCO JOVENS LEITORES

GERENTE EDITORIAL  
Ana Martins Bergin

EDITORA RESPONSÁVEL  
Milena Vargas

EQUIPE EDITORIAL  
Elisa Menezes  
Larissa Helena  
Manon Bourgeade (arte)  
Viviane Maurey

ASSISTENTES  
Gilvan Brito (arte)  
Silvânia Rangel (produção gráfica)

REVISÃO  
Sophia Lang  
Wendell Setubal

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS  
Luíza Ulhoa

Cip-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Molen, Janny van der

M728m O mundo de Anne Frank: lá fora, a guerra / Janny van der Molen;  
ilustração de Martijn van der Linden; tradução de Alexandra de Vries.

Primeira edição. – Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

Tradução de: Outside it's war: Anne Frank and her world  
ISBN 978-85-7980-240-9

1. Frank, Anne, 1929-1945. O diário de Anne Frank. 2. Frank, Anne, 1929-1945  
- Arte literária. 3. Frank, Anne, 1929-1945 - Autoria. 4. Holocausto judeu  
(1939-1945) - Narrativas pessoais - Países Baixos - História e crítica.

5. Escrita criativa. I. Linden, Martijn van der. II. Título.

15-20323

CDD – 940.53492

CDU – 94(100)'1939/1945'

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.  
Impresso pela Gráfica Stamppa, Rio de Janeiro – RJ.